



SUPERIOR GERAL DOS CARMELITAS DESCALÇOS
Corso d'Italia, 38
00198 Roma – Italia

IV Centenário de canonização de Santa Teresa 1622 – 12 de março – 2022

Queridos irmãos e irmãs,

Este ano estamos celebrando um aniversário. E é um aniversário muito especial: 400 anos da canonização de nossa Santa Madre Teresa. Todo o Carmelo Teresiano se une à celebração daquele 12 de março de 1622, e o fazemos celebrando com toda a Igreja o dom da santidade de Teresa e dos Beatos que foram canonizados com ela. Antes de entrar em algumas notas da santidade de Teresa, saudamos os quatro companheiros de canonização. Em cada um deles vemos uma Palavra de Deus recém-professada e oportuna para nosso tempo, um espelho no qual devemos nos contemplar para escutar o hoje de Deus e nos lançar à aventura do futuro com a confiança dos santos:

Santo Isidoro Lavrador: a simplicidade do trabalho que dignifica a vida ordinária, convertendo os desertos cotidianos em terra fecunda, por meio da fé e do amor silencioso. Teresa foi também mulher divina, pisando firme o chão de seu tempo.

Santo Inácio de Loyola: uma história marcada por uma ferida que transforma a vida e se torna caminho de encontro e desafio valente, para a maior glória de Deus; discernimento que ajuda a construir a verdade. Tudo em Teresa é uma ferida aberta de amor e tudo nela nos ensina a discernir o verdadeiro amor de Deus.

São Francisco Xavier: quando o amor está vivo e queima dentro de nós, não há obstáculo, nem distância, nem idioma que impeça de comunicar a verdade do Jesus que sorri¹, até os confins do mundo. Uma missão sem fronteiras. Teresa tem uma alma missionária de intrépida conquistadora de suas próprias moradas interiores, até a principal, onde está o Esposo – Cristo –, e essa paixão a leva a uma missão de comunhão universal, também sem fronteiras.

São Felipe Néri: conhecemos o humor de Deus, que salta e baila de gozo; o sorriso de Deus feito criatividade e brincadeira, alegria que contagia, convidando-nos a ser bons, se pudermos. Teresa compartilha essa alegria, humor, frescor e festa dos filhos de Deus.

¹ Na capela de família do Castelo de Xavier (Espanha), encontra-se um Crucifixo do século XIII, feito de madeira de nogueira, onde Cristo está com um sorriso. Segundo a tradição, este Cristo transpirou sangue quando Francis Xavier estava a morrer.

Recordo as palavras que o Papa nos falou sobre o humor na audiência de 11 de setembro passado, que recordam uma característica fundamental da santidade: “A alegria deve vir do interior: essa alegria que é paz, expressão de amizade. Outra coisa que pus na Exortação sobre a santidade: o sentido do humor. Por favor, não percam o sentido do humor”.

Uma vez que recordamos algo significativo dos quatro santos que celebram o centenário junto com ela, vamos a Teresa, nossa mãe, com carinho de filhos, para dar graças a Deus pela santidade de sua vida:

A partir daquele 4 de outubro de 1582, quando a Madre Teresa fechava os olhos a este mundo em Alba de Tormes, sua fama de santidade não deixou de crescer. Suas obras, publicadas pela primeira vez em 1588, foram sendo divulgadas e traduzidas em diversas línguas. Nove anos depois de sua morte, em outubro de 1591, a diocese de Salamanca abriu processos informativos sobre sua vida, virtudes e milagres. Em 1595, o Núncio de Sua Santidade, por desejo do rei Felipe II, retomaria os processos com novas declarações de testemunhas em muitos outros lugares. Convertia-se em clamor o desejo de ver Teresa de Jesus nos altares. Assim, pois, tomou velozmente conta do coração de muitos cristãos contagiados pelas maravilhas de Deus nela.

Diante da chuva de petições levadas à Santa Sé por parte de inúmeras personalidades e instituições, a Congregação dos Ritos levaria a cabo os trâmites necessários que culminariam, em 1614, com a beatificação da Madre Teresa por Paulo V. Quase oito anos mais tarde, em 12 de março de 1622 – completam-se agora quatrocentos anos –, Gregório XV a canonizou, mediante a bula *Omnipotens sermo Dei*. A solene cerimônia de canonização foi compartilhada com Isidoro de Madri, Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Felipe Néri.

Depois de quatro séculos, continua a chegar até nós o testemunho incontaminado, como fogo entre as cinzas da história, de uma mulher tocada por Deus em suas entranhas. Sua palavra, fresca como no primeiro dia, continua gritando a nós, transbordante de alegria: “Vede o que fez comigo” (V 19, 15). E, como ensina o Papa Francisco: “À medida que se santifica, cada cristão se torna mais fecundo para o mundo” (GE, 33).

Todos os aniversários recordam um fato vivo, uma fonte que continua a jorrar; são celebração e dança perene no coração de Deus. A memória passada se faz hoje surpreendente e eficaz. Assim é Teresa de Jesus, experiência viva de Deus a percorrer nossas vidas, ativando em nós a fé em uma Presença ardente.

Há nela algo que sempre é provocador, sugestivo, que inspira e questiona ao mesmo tempo: sua simpatia, senso de humor, atrevimento, inteligência, profundidade de espírito, incrível capacidade para traduzir em palavras como se vê a Deus com os olhos da alma desnuda, expressas com a transparência e simplicidade de quem, sem impor resistências, se deixa invadir e atravessar pela Palavra amorosa de Deus, aceitando o desafio.

O que vem à memória quando celebramos o IV Centenário da canonização de nossa Teresa? O que queremos reviver, ou melhor, o que queremos estreitar? Com ela, sempre estreitamos, sempre começamos a saber de novo o caminho e aprendemos a caminhar, como ela queria: “Que o saibais da maneira que isso se há de saber, impresso nas entranhas” (CE 10, 1).

A raiz da santidade: o verdadeiro amante

A primeira coisa que Teresa traz é a lembrança da fonte da santidade. Tudo o que é bom vem do único que é bom: Deus, empenhado em nos fazer bons. Aí está a raiz da santidade de todos, também de Teresa; e ela tem muita consciência disso: “especialmente quando considera que esse verdadeiro amigo nunca se afasta dela, acompanhando-a e dando-lhe vida e ser” (II Moradas 4).

Não se cansa de recordá-lo. Dirá no *Livro da Vida*: “É o Senhor aquele que obra... essa fortaleza não vem de si” (V 21, 11) e em todos os seus escritos. Ela o diz em uma Conta de Consciência, na qual põe na boca de Deus onde está a raiz da santidade: “Ninguém pense que, por si mesmo, pode estar na luz, assim como não poderia fazer que não viesse a noite, porque a graça depende de mim... Essa é a verdadeira humildade: conhecer o que pode e o que eu posso” (CC 28).

A santidade de Teresa, a mesma a que todos nós somos chamados, é a aventura que podemos viver desde que nos damos conta de que não somos ocos por dentro (cf. C 28, 10) até nos descobrir morada da Trindade e fazer nossa aquela experiência teresiana, onde relata que se deu a entender “como as Três Pessoas da Santíssima Trindade, que trago esculpidas em minha alma, são uma coisa só” (CC 47). O caminho da santidade talha em nós a luz da comunhão.

Consciente de tudo isso, Teresa relativiza sua fama de santidade: “via-me desconsolada algumas vezes por ouvir tantos desatinos; que ali, dizendo que é uma santa, há de o ser sem pés nem cabeça. Riem porque digo que façam outra, que só lhes basta dizê-lo” (Carta a Gracián, escrita de Malagón – fins de dezembro de 1579). Teresa ri de si e também dos que a canonizam em vida.

O caminho da santidade: Os olhos n'Ele

A aventura teresiana da santidade tem nome próprio; o artista, o mestre escultor é Cristo... *não queirais outro caminho*, nem no ponto mais elevado da contemplação, nem à altura da teologia, nem no barro das ruas, nem nos templos, com seu silêncio e belas liturgias. Afastar-se do Cristo humanado, descartar sua vida para ser espirituais, é perder o caminho. “O próprio Senhor diz que é o caminho; o Senhor também diz que é luz, e que ninguém pode ir ao Pai, senão por Ele” (VI Moradas 7, 6). “*Não creiais em quem vos disser outra coisa*” (VI Moradas 7, 5).

A santidade é fazer-se um com Cristo, é “outra vida nova... sua vida já é Cristo”. Esse é o arco que Teresa desenha a partir do *Livro da Vida* – outra vida nova – até as *Moradas* – sua vida é Cristo. Porque, como dizia o querido Padre Tomás Álvarez, só somos santos no amor cruzado entre Ele e nós.

Afastar-se de Jesus e de sua vida é afastar-se da santidade. Teresa é radical neste ponto: “todo o dano nos vem de não ter os olhos postos em Vós” (C 16, 11), porque a partir daí a vida se torna ambígua e andamos “como uma ave que, voando, não encontra onde pousar, perdendo

muito tempo, não crescendo nas virtudes nem prosperando na oração” (VI Moradas 7, 15), descuidando da vida que desejamos de verdade.

A santidade concreta: *realismo teresiano*

Uma das coisas mais inspiradoras de Teresa é seu realismo, porque faz da santidade um caminho possível de verdade. Sua santidade não é etérea, suas palavras tocam a terra para elevar-se: “é mister mais ânimo para, se não se é perfeito, seguir o caminho da perfeição do que para sacrificar a vida; porque a perfeição não é alcançada num instante” (V 31, 17). Ela experimentou a necessidade de permanecer no cotidiano.

“Não penseis que não há de custar algo e que haveis de encontrá-lo pronto” (V Moradas 3, 12). O caminho é apaixonante, não é *o de sempre*. Descobrir *como e por onde* serviremos, para não ficarmos reduzidos, é a paixão da santidade teresiana. Daí sua radicalidade: “é mister não pôr vosso fundamento só em rezar e contemplar; porque, se não procurais virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs” (VII Moradas 4, 9).

A santidade é o reverso da aparência, não se trata de qualquer observância. A santidade amável de Teresa, com o *pouco a pouco* que a define, não esquiva o *tudo ou nada* de sua aposta, com a imprescindível determinação, doação incondicional, perseverança que não se rende nas derrotas e quedas, que se deixa ajudar e levantar, para viver de verdade e fazer com que “os atos e as palavras se conformem às obras” (*ib.* 7).

Atados à misericórdia de Deus: *Ele reine e seja eu cativa*

Há um desejo teresiano que define a santidade e nos mostra um possível caminho para crescer nela ao celebrar este IV Centenário, neste tempo concreto em que Deus nos chamou à vida. Teresa queria estar atada a Deus e viver presa à sua misericórdia: “Mesmo que queira me afastar dessa amizade e união, esteja sempre, Senhor de minha vida, minha vontade sujeita a não sair da vossa” (*Conceitos do Amor de Deus* 3, 15). A misericórdia é o lugar onde Teresa vive, o único âmbito no qual se sente a salvo.

Com Teresa, queremos viver atados à misericórdia de Deus, cuidando teresianamente do nosso ser cristãos. Ela o diz de maneira magistral e preciosa na última exclamação, a número 17, que deveria saber de memória: “Viva em mim outro que é mais que eu e, para mim, melhor que eu, para que eu possa servi-lo. Ele viva e me dê a vida; Ele reine e eu seja cativa, pois minha alma não quer outra liberdade” (Exclamação 17, 3). Que sejamos livres de outras ataduras para o serviço da misericórdia, para *ocupar-nos na oração*, para “ser servos do amor”.

Atar-se à misericórdia, dando o coração, precavendo-nos e acolhendo a mediação humana como laços que dão força para ter por bem os males. Nesse vínculo emerge a comunidade como selo da santidade cristã, como peculiaridade teresiana e testemunho para o mundo: “procurai ser afáveis... que amem vossa conversação e desejem vossa maneira de viver e tratar, e não se atemorizem e amedrontem com a virtude... quanto mais santas, mais

conversáveis” (CV 41, 7). A santidade é notada na educação, no trato, nas relações que acolhem e abraçam a diversidade e constroem em cada “outro” o sacrário em que Deus quer ser reconhecido. Misericórdia é deixar-se cuidar e cuidar do outro. Amor a Deus e ao próximo se autenticam e confirmam em alguém (cf. GE 143-146).

A santidade de nossa Madre Teresa nos orienta no caminho sinodal que a Igreja nos propõe neste tempo, fazendo andar juntas Marta e Maria. Deixa em nós rastros luminosos de fraternidade e valentia e uma direção certa, que “desejemos e nos ocupemos da oração” (VII Moradas 4, 12), que andemos no caminho que Jesus percorreu: “Olhos fixos n'Ele e não haja medo de que se ponha este Sol da Justiça, nem que nos deixe caminhar de noite para nos perdermos, se nós primeiro não O deixamos a Ele” (V 35, 14).

Em nome de meus irmãos e irmãs de todo o mundo, agradeço a ti, Senhor das misericórdias, por Teresa, nossa Mãe. Obrigado pelo presente de sua vida santa ao mundo, à Igreja e a todo o Carmelo, porque sua presença continua hoje a ser luz, força e graça na vida de cada um de nós, carmelitas. Obrigado por continuar a nos presentear com seu magistério, sua experiência e sua palavra que nos anima a ser santos, a dar a vida, a aventurar a vida sem rendições, a confiar e a dizer-te com suas palavras, cada dia de nossa vida, até ao último suspiro: “Vossa sou, para Vós nasci. Que mandais fazer de mim? ”

Frei Miguel Márquez Calle, OCD, *Superior Geral dos Carmelitas Descalços*

Roma, 12 de março de 2022